

**POR DENTRO DAS ESCOLAS DO CAMPO: UMA ANÁLISE DO ENSINO/
APRENDIZAGEM¹**

**INSIDE THE SCHOOLS IN THE RURAL AREA: AN ANALYSIS IN THE
TEACHING/LEARNING ACTIVITIES**

Maria Arlândia Reis Silva²
Raimunda Aurea Dias de Sousa³

RESUMO

O ensino que é atribuído às escolas da cidade não pode ser o mesmo direcionado ao campo. Dentro desse entendimento, a presente pesquisa tem por objetivo analisar o ensino/aprendizagem nas escolas do campo a partir da realidade dos sujeitos que vivem no espaço rural e se diferenciam daqueles que habitam o espaço urbano. O atual modelo educacional implantado nas escolas do campo tem contribuído para a perpetuação do sistema do capital, que, ao cumprir suas exigências mediante a territorialização e monopolização da terra, expulsa os trabalhadores da condição de camponês, de sujeito do campo. Assim, é imprescindível o entendimento de uma educação como condição de autonomia e sobrevivência dos camponeses, que só é possível dentro de um projeto agrário de reforma agrária para o campo.

PALAVRAS CHAVES: Educação do Campo, Ensino, Capital.

ABSTRACT

The education assigned to the schools in the urban zones cannot be the same which are directed to the schools located in the rural areas. According to this understanding, the present study aims to analyze teaching/learning in the schools located in the rural areas based on the realities of the individuals who live in the countryside, as distinguished

¹Esse trabalho faz parte de estudos realizados para a dissertação de mestrado - *Da Educação no campo para uma Educação do campo: O (re) significar da terra de trabalho* – a ser defendida no PPGFPPI (Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) UPE/Petrolina.

²Mestranda em Educação pelo PPGFPPI (Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares), Universidade de Pernambuco – Campus/Petrolina. Especialista em Ensino de Geografia – UPE/Petrolina. Pesquisadora do GPVASF (Grupo de Pesquisa em Sociedade e Natureza do Vale do São Francisco), integrante do CEA (Centro de Estudos Agrários) UPE/Petrolina. E-mail: arlandiareis@hotmail.com.

³ Professora Ajunta da UPE/Campus Petrolina, pesquisadora dos grupos de pesquisa - GPECT – Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais - UFS e líder do GPVASF (Grupo de Pesquisa em Sociedade e Natureza no Vale do São Francisco) Universidade de Pernambuco – Campus/Petrolina. Coordenadora do CEA (Centro de Estudos Agrários), Professora do Colegiado de Geografia e do PPGFPPI (Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares), UPE/Petrolina. E-mail: aurea.Souza@upe.br.

from those who inhabit the rural space. The existing educational model implanted in the school of the rural areas have so far contributed to the perpetuation of the capitalist system, whose demand through the process of territorialization and monopolization of the land expels the workers from the condition of peasants, the individuals of the rural areas. Therefore, it is essential the understanding that education as a condition of self-sufficiency and survival is that is only possible of the land reform project for the rural areas.

KEYWORDS: Rural education; Teaching; Capital.

1 INTRODUÇÃO

A partir de 1960, o capital vem se expandindo e territorializando no campo brasileiro com mais intensidade. Desse modo, promove a desterritorialização dos camponeses de diversas maneiras. No entanto, na contradição do capital, os movimentos sociais de luta pela terra/educação se mobilizam em contraponto ao sistema.

Assim, a Educação do Campo é uma alternativa para aqueles que se reproduzem a partir de seu próprio trabalho, que são os camponeses, pois é seu modo de vida que os diferencia e os torna mais eficientes. Então, a educação do campo possibilita condições para os camponeses lutarem para continuar existindo, mesmo diante das imposições da conjuntura social atual.

Então, para entendimento dessa realidade, realizou-se pesquisa de campo na Escola Municipal Eduardo de Souza, localizada no povoado de Uruás a cerca de 60 quilômetros (60 km) da cidade de Petrolina⁴. A escolha da escola ocorreu em virtude da mesma atender a alunos cujas famílias foram obrigadas a vender suas terras à CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba), criada na década de 1940 e efetivada em 1975.

A referida Companhia tem por missão, “promover o desenvolvimento e a revitalização das bacias dos rios São Francisco, Parnaíba, Itapecuru e Mearim com a utilização sustentável dos recursos naturais e estruturação de atividades produtivas para a inclusão econômica e social”. (CODEVASF, 2016). Nesse sentido, Sousa (2013) explica que a CODEVASF foi instituída com o intuito de gerenciar as áreas que seriam irrigadas, sendo estruturada como uma empresa, com o objetivo de extrair lucros, ou

⁴ O município de Petrolina está localizado no Sertão, sub-região do estado de Pernambuco. A população estimada em 2016 333.683. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=261110>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

seja, acumular capital, o que faz com que dê mais atenção, em seus projetos aos grupos empresariais, do que aos camponeses, SOUSA (2011) apud ANDRADE (1983).

Dentro dessa linha de raciocínio, na condição de empresa determina que as terras transformadas em Perímetros Irrigados⁵, sejam destinadas à iniciativa privada e não aos trabalhadores, portanto, uma terra de negócio e não de trabalho. A realidade pode ser descrita no momento em que as terras de trabalho⁶ das famílias camponesas do Projeto Pontal Norte⁷, foram apropriadas pela Companhia, com a retirada das famílias (via indenizações ínfimas), para implantação do Perímetro.

Desse modo, Silva (2014) explica que a implantação de cada perímetro no vale do São Francisco⁸ não aconteceu pacificamente e sim a partir de conflitos entre os camponeses e o capital, como no Projeto Pontal Norte. Mesmo com a resistência, os camponeses acabaram perdendo seu principal instrumento de produção - a terra.

A necessidade de discutir a problemática envolveu, sobretudo, a reflexão crítica do modelo educacional implantado no Brasil e em Petrolina a partir da modernização da agricultura nos anos de 1990 e, para chegar aos resultados propostos, foram seguidos os seguintes eixos de operacionalização: a organização de uma pesquisa bibliográfica a respeito do conteúdo, a construção de um banco de dados, a realização de trabalhos de campo na Escola seguidos de entrevistas com professores (09), sendo apenas um formado em Geografia, mas leciona Geografia e História e alunos (60).

⁵ Os perímetros irrigados traduzem a história da CODEVASF. A partir da segunda metade da década de 1940, houve a concentração de investimentos federais no vale do rio São Francisco, para criação de infraestrutura de irrigação e geração de energia elétrica. Disponível em <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados>. Acesso em 10 de setembro.

⁶ Terra de trabalho é aquela cultivada pelos camponeses para sua reprodução e para as necessidades da família.

⁷ O Pontal – áreas Sul e Norte – está localizado na área rural de Petrolina, na margem esquerda do rio São Francisco, fonte hídrica do projeto. O perímetro abrange 29 mil hectares de área total, dos quais 5,79 mil compõem a reserva legal do empreendimento que será transformada em áreas de preservação e transferida ao estado de Pernambuco. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/noticias/2014/novo-perimetro-irrigado-do-vale-do-sao-francisco-tem-ritmo-de-implantacao-acelerado>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

⁸ Destaca-se que as implantações dos Perímetros Irrigados do Vale do São Francisco acarretaram e acarretam várias mudanças no espaço, que, no discurso do Estado, são significativas para o “desenvolvimento” do Vale. Mas, na prática esse processo desencadeou a precarização das condições de vida da população (SILVA, 2014).

Para os referidos eixos foram desenvolvidas práticas de campo, que se definiram em análise qualitativa das entrevistas, como também no resgate de experiências de vida e de trabalho a partir dos depoimentos e das consultas de documentos.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO – ALGUMAS REFLEXÕES

O processo de territorialização do capital no campo no Brasil, a partir de 1960, exigia mão de obra especializada, então, nesse momento, deslança a Educação Rural, associada aos projetos de modernização do campo, direcionada para atender às necessidades do sistema capitalista em formar trabalhadores competitivos. Ribeiro (2013) argumenta que

[...] que o sistema capitalista tenha incorporado desde os anos de 1960 até o início de 1970, a Reforma Agrária, porém associadas aos interesses da classe, visando à modernização do campo pela introdução de máquinas, insumos agrícolas, métodos de administração rural etc.; e isso requeria alguma forma de escolarização, o que explica a Educação Rural, o modelo de desenvolvimento econômico e Reforma Agrária (2013, p. 295).

Desse modo, tais questões mencionadas pelo autor deveriam ser abordadas nas escolas do campo, contudo, sem deixar de mostrar que a escola é um espaço de formação humana, especialmente, naquelas marcadas diretamente por conflitos de terra. Moreira, Ramos e Santos (2005) explicita que

A formação humana é todo o processo educativo que possibilite o sujeito constituir-se enquanto ser social responsável e livre capaz de refletir sobre sua atividade, capaz de ver e corrigir os erros, capaz de cooperar e de relacionar-se eticamente, por que não desaparece nas suas relações com o outro. Portanto, a educação como formação humana é também uma ação cultural (2005, p. 37).

Em decorrência do modelo de educação, que não abrange as necessidades dos camponeses, surge a Educação do Campo, com o objetivo de incluir o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos que defendem e vivenciam o campesinato.

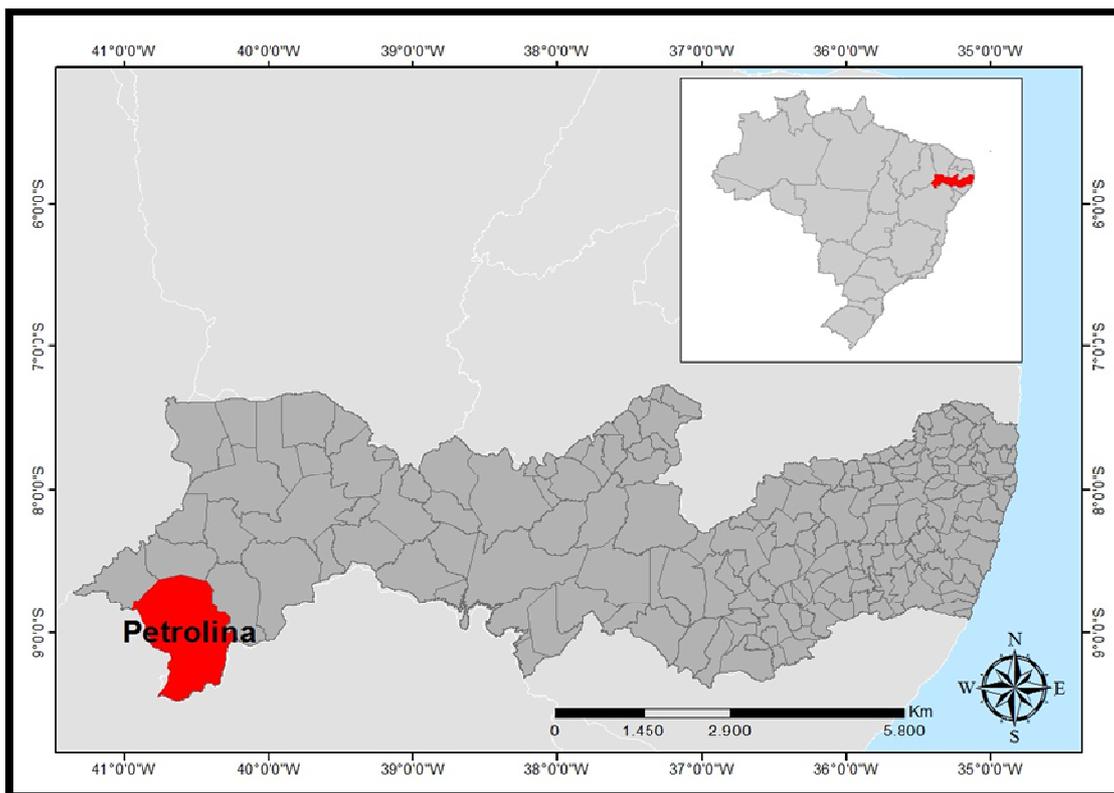
A Educação do Campo para o campo não surge aleatoriamente, é resultado de mobilizações e movimentos sociais, como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, como afirma Caldart 2008.

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para as comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (2008, p. 71).

A autora afirma ainda que a Educação do Campo nasce para barrar os projetos de modernização, vistos na atual conjuntura econômica apenas como um negócio.

Assim, as discussões sobre o modelo educacional implantados nas escolas do campo vêm ganhando espaço nos movimentos sociais que lutam por terra, em decorrência da expansão do capital no campo, como, por exemplo: a implantação do agronegócio por meio dos Perímetros Irrigados em Petrolina – Pernambuco. (Ver mapa 1).

MAPA 1: MUNICÍPIO DE PETROLINA



Elaboração: RAMOS,M.J/2017.

A territorialização do capital, por meio dos Perímetros nessa área e em outras regiões do país, promove a desterritorialização do campesinato, quando expulsa famílias para que grandes obras sejam implantadas.

Diante dessa realidade, as escolas instaladas no espaço rural ao invés de serem do campo tendo como base o cotidiano dos sujeitos têm sido um espaço de formação para o trabalho assalariado na cidade ou mesmo no próprio campo, quando se considera que ser um assalariado é melhor que ter autonomia a partir da posse da terra e de condições para, nela, viver com a família.

A escola pesquisada oferece aos alunos da região do povoado de Uruás (composto pelas comunidades: Poço da Serra, Amargosa, Viração, Volta Carolina, Olaria, Bom Jardim, Boa Hora, entre outras) Distrito de Petrolina, Ensino Fundamental I e II. Esta tem apenas um professor de Geografia, formado em Licenciatura em Geografia.

Questionou-se ao Professor A sobre seu entendimento no que se refere a educação do campo, e ele responde:

Educação do campo é uma fonte de inspiração, pois é uma pesquisa prática, onde busca relacionar o saber científico com a realidade, no intuito de demonstrar índices reais no ambiente natural e cultural levando o conhecimento significativo. (Informação verbal - Entrevista 1)⁹

Nesse sentido percebe-se que o professor desconhece os princípios da educação do campo, mas, exerce sua função da forma que considera coerente.

Entretanto, segundo Wizniewky (2013, p. 169), “o papel dos educadores do campo é de possibilitar dinâmicas pedagógicas que resgatam a cultura e o significado de se viver no campo com dignidade”.

Nos depoimentos concedidos pelos estudantes a respeito da importância da educação do campo, percebeu-se que eles valorizam o conhecimento adquirido em sala de aula, pois será esse conhecimento que os mesmos irão utilizar fora do espaço escolar, ou seja, na vida, como relata um dos entrevistados – Estudante A: “os conhecimentos obtidos informam as pessoas sobre a localização de determinados lugares, conscientizando-as para não degradarem o meio ambiente e preservarem para as futuras gerações”. (Informação verbal - Entrevista 2)¹⁰

Assim, é a realidade que deve ser o ponto de partida para ensino-aprendizagem na cidade e, especialmente, no campo, uma vez que os camponeses possuem elementos que são alterados de acordo com ciclo da produção.

Os sujeitos do campo têm condições para referenciar a educação, que deveria está presente no campo. Conforme Moreira, Ramos, Souza (2005).

Os que vivem no campo podem e têm condições de pensar uma educação que traga como referências as suas especificidades para incluí-los na sociedade como sujeitos de transformação. Para isso, o projeto educativo que se realiza na escola precisa ser do campo e não para o campo (2005, p. 38).

Mészáros (2008) explica que o simples ingresso dos alunos na escola é importante, todavia não é suficiente para retirar das sombras do esquecimento social múltiplas pessoas, que aparecem apenas nas representações estatísticas. Para o autor

⁹ Entrevistas 1 – concedida por professores em [mar/2015]. Entrevistador: Maria Arlândia Reis. Petrolina, 2015.

¹⁰ Entrevistas 2 – concedida por estudantes em [mar/2015]. Entrevistador: Maria Arlândia Reis. Petrolina, 2015.

deve-se proporcionar uma educação revolucionária, que auxilie as pessoas a não aceitarem a exploração do capital. Ele defende,

A existência de práticas educacionais que permitam aos educadores e alunos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, pois as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado. (MÉSZÁROS, 2008, p. 12).

Desse modo, a educação presente nas escolas do campo segue o mesmo modelo educacional implantado a partir de 1990 de educação rural na perspectiva urbano industrial. Esse modelo é fundamentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Assim, para o ensino de Geografia, o objetivo consiste em:

A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação (PCN's, 1998, p. 26).

Mesmo assim, os conteúdos dos livros didáticos de Geografia, ainda, são fundamentados na perspectiva urbano-industrial, portanto, direcionados apenas para uma realidade centrada na produção e produtividade. Na escola pesquisada, o Professor B - explicitou sobre os livros didáticos. “Os conteúdos didáticos representa os mesmos paradigmas de outros colégios da zona urbana”. (Informação verbal - Entrevista 1)¹¹

Entretanto, em conformidade com o Planejamento da Secretaria Municipal de Educação do Município de Petrolina, os conteúdos didáticos são elaborados de acordo com o livro didático, como, por exemplo, um dos conteúdos do 9º ano sobre o continente europeu, além dos aspectos físicos, humanos e econômicos, deve abordar a relação estabelecida historicamente com os países da América Latina, especialmente, o

¹¹ Entrevistas 1 – concedida por professores em [mar/2015]. Entrevistador: Maria Arlândia Reis. Petrolina, 2015.

Brasil. Ainda, cabe ao professor apresentar como Petrolina e Europa se imbricam pela produção da fruticultura que, diariamente, é exportada para o referido continente.

Desse modo, esses conteúdos não contemplam a realidade dos alunos da zona urbana, nem dos alunos do campo. Assim, a pesquisa revela que os conteúdos de Geografia e de outras disciplinas distanciam-se do cotidiano dos sujeitos, tornando os assuntos sem significados e significância.

3 SIGNIFICADO E SIGNIFICÂNCIA DO QUE SE APRENDE NA ESCOLA

Para Molina e Sá (2013), a escola do campo deve contribuir para o fortalecimento das resistências e, para isso, é fundamental a articulação político-pedagógica da escola e da comunidade. Esses autores, ainda, destacam outra dimensão nas escolas do campo, que é a organização coletiva.

Ensinar os alunos e a própria organização escolar a trabalhar a partir de coletivos é um relevante mecanismo de transformação e aproximação das funções da escola pode vir a ter nos processos de transformação social (MOLINA, SÁ, 2013, p. 329).

Nesse sentido, a educação da Escola, em estudo, não valoriza o modo de vida dos alunos, pois, ao questioná-los se o professor valoriza o modo de vida dos mesmos, esses responderam que sim; porém, 50 dos 60 alunos pesquisados acabavam revelando que o professor cita exemplos de sua vida profissional e pessoal, como relata o Estudante B: “o professor expressa bastante o que acontece na sua cidade de origem, as festas que acontece por lá, o que eles comemoram entre outras coisas”. (Informação verbal - Entrevista 2)¹².

Entretanto, a educação do campo deve estar sustentada no enriquecimento das experiências de vida dos alunos, mostrando-lhes que seu conhecimento é importante. Conforme Moreira, Ramos e Souza (2005).

Construir uma educação do campo significa pensar numa escola sustentada no enriquecimento das experiências de vida, obviamente não em nome da permanência, nem da redução destas experiências, mas em nome de uma reconstrução dos modos de vida, pautada na ética da valorização humana e o respeito à diferença. Uma que proporcione aos seus alunos e alunas condições de optarem, como

¹² Entrevistas 2 – concedida por estudantes em [mar/2015]. Entrevistador: Maria Arlândia Reis. Petrolina, 2015.

cidadãos e cidadãs, sobre o lugar onde desejam viver. Isso significa, em uma última análise, inverter a lógica de apenas estudar para sair do campo (2005, p. 39).

Nesse sentido, 100% dos alunos entrevistados responderam que, quando concluírem o Ensino Médio, pretendem sair da sua comunidade para morar na cidade, em decorrência do modelo de ensino que objetiva o trabalho assalariado como fonte de acesso ao consumo.

[...] Os alunos jovens do campo são alocados em salas de aula deterioradas ou improvisadas e, ainda, deslocados para a escola da cidade, para estudar com professores e colegas citadinos. Trata-se de uma política que expressa desrespeito às raízes, aos valores e às crenças culturais e inviabiliza o acesso à escola na comunidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 64).

Seguindo essa linha de raciocínio, e diante das respostas dos alunos, fica explícito que os conteúdos de Geografia não têm significados e nem significância para eles, pois são absorvidos por “ideologias” a partir do modelo educacional que o mesmo implantou no campo.

Desse modo, o contexto escolar atual revela que a educação, ainda, tem dificuldades com relação ao ensino e aprendizagem, em decorrência da conjuntura social estabelecida pelo capital. Todavia, esse espaço se revela a capacidade do campesinato de criar alternativas de continuar existindo¹³.

Atualmente, o campo vem vivenciando várias mudanças, que se refletem diretamente na vida dos camponeses, como foi o caso da expropriação das famílias para implantação do Projeto Pontal Norte no Município de Petrolina, fato não debatido no espaço escolar como um processo educativo. Referente a isso, Silva (2014) explicita que:

Os jovens camponeses do Projeto Pontal Norte recebem uma educação distante de seu cotidiano. Um exemplo claro foi quando no momento da expropriação dessas famílias, as escolas que atendiam a esses jovens não trouxeram essa problemática para ser discutida em sala de aula (2014, p. 36).

¹³ A economia camponesa é eficiente, devido a sua capacidade de estar sempre se reinventando diante das crises. Essa capacidade é fundamental para sua existência, pois o sistema capitalista está sempre tentando abolir o campesinato (SILVA, 2014, p. 37).

Entretanto, apesar de o processo de expropriação do Pontal ter ocorrido em 2010, a Escola, ainda, desconhece essa problemática vivida pelos alunos. Mesmo assim, essa instituição de ensino afirma que valoriza a realidade e o conhecimento do seu alunado. Molina e Sá (2013) relata que:

Outro aspecto central a ser transformado nas escolas do campo é o fato de seus processos de ensino aprendizagem não se desenvolverem a partir da realidade de seus educandos. O principal fundamento do trabalho pedagógico deve ser a materialidade da vida real dos educandos, a partir da qual se abre a possibilidade de resignificar o conhecimento científico, que já é, em si mesmo, produto de um trabalho coletivo, realizado por centenas de homens e mulheres ao longo dos séculos (2013, p. 329).

No entanto, ressalta-se que, durante a pesquisa, o Professor A, ao ser questionado se o mesmo valorizava o modo de produção e a realidade dos alunos, afirmou que sim, porém desconhecia a expropriação das famílias camponesas do Pontal Norte.

Contudo, Moreira, Ramos e Santos (2004) explicam que a educação do campo acontece dentro e fora das salas de aulas como os saberes construídos na produção familiar, na família, na convivência social, na cultura, no lazer e nos movimentos sociais.

Questionados aos estudantes sobre aquilo que eles gostariam de aprender, o Estudante C - responde: “Gostaria de aprender mais sobre o lugar que eu moro, a cultura do meu lugar”. (Informação verbal - Entrevista 2)¹⁴

A escola é referenciada apenas como espaço que transmite conteúdo; assim, o conhecimento dos alunos não é evidenciado em sala, porque esses não são estimulados.

Desse modo, é diante dessa conjuntura que os movimentos sociais lutam por uma educação que traga, “as contradições sociais, as potencialidades e os conflitos humanos para dentro do processo pedagógico, requerendo uma concepção de conhecimento e de estudo que trabalhe com essa vida concreta” (CALDART, 2013, p. 263).

Shanin (2008) defende a valorização do camponês, pois este tem muito a ensinar.

¹⁴ Entrevistas 2 – concedida por estudantes em [mar/2015]. Entrevistador: Maria Arlândia Reis. Petrolina, 2015.

Estudar os camponeses é importante, não só porque os intelectuais podem produzir conhecimento voltado para os interesses dos camponeses, mobilizar-se a lutar por eles, ou tentar fazer com que eles se mobilizem. Os camponeses podem nos ensinar uma variedade de coisas que nós não sabemos. (2008, p. 28).

Diante dessa problemática, destaca-se que os conteúdos abordados em sala de aula não abrangem o contexto real do campo. A consequência disso, será a transformação de um estudante, que não se reconhece na condição de sujeito com capacidade de lutar por uma vida digna no campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas do campo têm-se desenvolvido como apenas aparelho ideológico do Estado, pregando a saída dos jovens do campo como uma condição de melhoria de vida. Ao promoverem esse discurso, reforçam a desigualdade, mostrando o campo como um espaço ocupado por aqueles que não têm ambição, por isso são derrotados.

Nessa perspectiva, a educação se concretiza nas escolas do campo sem nenhuma contextualização com as vivências dos alunos, negando, assim, toda a experiência de vida que os mesmos trazem para a sala de aula. Até mesmo os saberes sobre a dinâmica da natureza, o modo de uso da terra, os tipos de solo, vegetação, relevo e clima estão enraizados na lógica urbano-industrial.

Nesse contexto, os movimentos sociais de luta pela terra, como o MST, buscam uma educação contextualizada, ou seja, uma educação que ofereça possibilidades para os camponeses lutarem pelo respeito a sua cultura, por seu modo de produção e a condição para que esses sujeitos se realizem, enquanto seres humanos.

Deve ser ressaltado que a luta por uma educação pública de qualidade tem sido motivo de manifestações organizadas por diversos movimentos sociais do campo e têm gerado profundas reflexões e ações do Estado e na sociedade civil desde a concretização do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, criado em 1998 para atender às áreas de assentamento de reforma agrária.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete; KOLLING, Edgar Jorge; VARGAS, Maria Cristina. **MST e Educação**. In: Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete

Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2013.

_____. **Sobre Educação no Campo** In: Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação / Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.]; organizadores, Clarice Aparecida dos Santos. -- Brasília: Incra; MDA, 2008 109 p.; 19cm --(NEAD Especial; 10), 2008.

BRASIL – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Paranaíba - CODEVASF. **Novo perímetro irrigado do Vale do São Francisco tem ritmo de implantação acelerado**. Disponível em:

<http://www.codevasf.gov.br/noticias/2014/novo-perimetro-irrigado-do-vale-do-sao-francisco-tem-ritmo-de-implantacao-acelerado>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Brasil em síntese**. Disponível em

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=261110>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**; [tradução Isa Tavares]. -2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. **Escola do Campo**. In: Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2013.

MOREIRA, Telma Maria; RAMOS, Marise Nogueira; SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Referências para uma análise política nacional de educação do campo: cadernos de subsídios – Brasília**: Secretaria de Educação Média e Tecnologia, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

SHANIN, Teodor. **Lições Camponesas**. In: campesinato Territórios em disputa. Org. Eliane Tomiasi Paulino, João Edimilson Frabrini. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular: Unesp: Programa de Pós Graduação em Geografia, 2008.

SILVA, Maria Arlandia Reis Silva. **Relação capital-trabalho no Projeto Pontal Norte: entre o “discurso” e a realidade das famílias camponesas**. [Monografia] Petrolina: UPE, 2014.

SOUSA, Raimunda Áurea Dias de. **A renda fundiária e o trabalho- A realidade da Agricultura Irrigada no Vale do São Francisco**. In: O capital e ocupação terras/territórios/ Alexandrina Luz Conceição, Raimunda Áurea Dias de Souza (organizadoras). São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

_____. **O Agro-Hidronegócio no Vale do São Francisco: território de produção de riqueza e subtração da riqueza da produção**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão, março de 2013.

_____. **Trabalho e trabalhadores no campo: desvendando a realidade no Vale Médio São Francisco.** In: Trabalho e Trabalhadores: as novas configurações espaciais da reestruturação produtiva no espaço rural/Alexandrina Luz Conceição (organizadora). – São Cristóvão: Editora UFS, 2011.

WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores. **O professor de geografia na construção da educação do campo a partir da significação do lugar.** In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira. Expressões da re-territorialização do campo brasileiro. – Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.